

Postal de Como

Não sabia se era no isolamento que encontrava os lugares
Ou se eram os lugares que a encontravam.
Certo é que era no intermúndio que tantas vezes os sentia.
Sabia que só o retiro a libertava sempre que os outros faziam senti-los mais que aos lugares
Como se a esmagassem com um ruído nefasto de trivialidades
Como se ofuscassem os lugares com mediocridades várias.
Outras tantas vezes eram esses mesmos outros
Que redobravam o encanto de cada espaço singular.

Naquele dia foi assim,
Numa fuga misantropa de minutos conseguiu ver Como.

Havia pássaros a esgueirar-se dos ramos.
Um chilrear manso a adornar o silêncio.
O verde bêbedo das árvores.
Uma neblina terna a baixar sobre a cidade.
E o lago, agora escondido, adivinhava-se belo como dantes.

Partia um pouco desfeita.

Pensava...

*As pessoas acrescentam aos lugares,
Ou subtraem a luz mansa que os lugares deixam em nós.*

Por isso largou os pertences no banco,
Sem palavras nem hesitações,
E, finalmente só,
Guardou Como num lugar reservado da memória,
Forrou esse fragmento com flores delicadas que a primavera trouxera

E, sossegada, instalou-o, num livro de notas que não tinha,
o livro onde as flores secariam.

Preservou com ternura as minudências que as viagens deixam a quem as guarda,
Quem as guarda, como ela, em páginas acabadas da alma.

E a tarde foi caindo, serenamente, na estação.

Joana Neto

2016